



Cidade, Memória , e (des) Encantos¹

Vânia Cristina Cantuário de ANDRADE²
Sandra Oliveira de ALMEIDA³
Michel JUSTAMAND⁴

Resumo

O termo cidade desponta nuances e, não temos a intenção de fazer uma exposição de todas elas, mas percorrer entre becos e atalhos tateando na construção de algumas ideias acerca da cidade de Manaus, da memória, encantos e desencantos que possam nortear nossas considerações. Não escolhemos fazer o percurso pelas retas, pois, talvez elas escondessem a beleza e a bravura de suas cores e odores. Nesse emaranhado de pensamentos nos valem do trabalho de campo realizado no dia 12 de maio do corrente ano às ruas da Cidade de Manaus. Cidade cujas misérias gostaríamos de esquecer e, de cujos encantos nos mantém presos.

Palavras-chave: Cidade; Memória; Encantos.

Introdução

Este artigo visa fazer um relato de um trabalho etnográfico realizado na cidade de Manaus em Maio de 2018, não temos a intenção de fazer uma exposição de ruas e prédios, mas percorrer entre becos e atalhos tateando na construção de algumas ideias acerca da cidade de Manaus, da memória, dos encantos e desencantos que possam nortear nossas considerações. Não escolhemos fazer o percurso pelas retas, pois, talvez elas escondessem a beleza e a bravura de suas cores e odores. Nesse emaranhado de pensamentos nos valem desse trabalho para vislumbrar a cidade que guardamos e acolhemos através da presença de prédios e ruas históricos. Cidade cujas misérias gostaríamos de esquecer e, de cujos encantos nos mantém presos.

Nesta aventura de cores e odores nosso guia⁵ é um experiente na geografia do lugar e da memória. É um “caminhante de todas as noites, na boca da noite quando a

¹ Trabalho apresentado no GT 11 do III Siscultura. Cidades e Vilas: espacialidades e temporalidades na Amazônia.

² Doutoranda do Programa Sociedade e Cultura na Amazônia. E-mail: vccantuandrade@hotmail.com.

³ Profª. de Ensino Básico da Secretaria de Educação no Amazonas (SEDUC) e Doutoranda do Programa Sociedade e Cultura na Amazônia. E-mail: sandraport2010@hotmail.com.

⁴ Prof. Dr. Orientador . E-mail: micheljustamand@yahoo.com.br.

⁵ Prof. José Aldemir de Oliveira do Programa de Pós – graduação Sociedade e Cultura na Amazônia.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



cidade sossega que caminha por puro prazer e percorre espaços da área central de Manaus: ruas, praças, mercado, igrejas, colégios e a zona”⁶. O roteiro não é um roteiro comum é o mapa da memória que seguimos com o viajante, porém, ao observarmos percebemos que não é o mapa da memória que torna a caminhada melhor e, sim o mapa na memória esculpido e amalgamado pelo tempo.

Ali, na Praça do Congresso começa nossa caminhada e como em um ímpeto seguimos a risca os passos desse guia que como se percebe se auto intitula “caminhante”, todavia o termo adotado por nós é “viajante” uma vez que parecíamos estar em uma máquina do tempo a viajar pelos anos de nossa infância querida dos anos que não voltam mais. Viagem que não nos traz saudosismo, mas nos questiona e indaga em um único golpe. Inquietas sombras que unem pontas de nossas vidas, um retorno ao passado por meio da memória. O agenciamento da voz se faz presente e por meio da construção da linguagem nos chama atenção para o entre-lugar, propondo espaços e manifestando culturas diversas próximas e distantes, ouçamos a voz do viajante por meio do roteiro que nos foi proposto;

1- ponto de encontro: o início - Praça do Congresso: Nome oficial Praça Antônio Bittencourt. Em 1942 recebe o nome de Praça do Congresso devido ao Congresso Eucarístico ali realizado. Monumento em homenagem a N. S da Conceição.

Destacar o Palácio da Saúde onde há a sede dos Correios e o Castelinho da família Miranda Corrêa. Há um busto de Eduardo Ribeiro implantado em 1995.

Colégio Benjamim Constant: Antigo asilo Elisa Couto. O prédio foi construído entre 1892/1894. Estilo eclético serviu como orfanato de meninas.

Academia Amazonense de Letras - Fundada em 1918, funcionou, inicialmente, no Instituto Universitário de Manaus. A doação do atual prédio ocorreu em 1935, sendo este pertencente ao repertório eclético.

Instituto de Educação do Amazonas: Projeto original era o Palácio do Governo. Com a crise a obra não foi continuada e sема fachada original passa a abrigar a Escola Normal. Já foi sede da Assembleia Legislativa. Autor do projeto Arquiteto Domenico de Angelis

⁶ Oliveira, José Aldemir de. Publicado em Crônicas da minha (c)idade, p.15-16. Com modificações. O texto utilizado foi nos enviado por e-mail pelo próprio autor para a turma.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Para alguns de nós esses traços nos indicam um lugar de pertencimento, de habitação, de abrigo e segurança, entretanto, a história não nos mostra como pensamos. O texto o Semeador e o Ladrilhador de Sergio Buarque de Holanda (1987, p.61) aponta que “a habitação em cidades é essencialmente antinatural, associa-se a manifestações do espírito e da vontade, na medida em que se opõem a natureza. Para muitas nações conquistadoras, a construção de cidades foi o mais decisivo instrumento de dominação que conheceram”. A proposta desse texto não é somente manifestar o espírito de dominação a que fomos sujeitos, mas também dizer que a colonização portuguesa não tomou medidas plausíveis em relação ao tipo de dominação a que fomos expostos ao passo que a espanhola, muito embora não sendo das melhores, logrou melhores êxitos. Com isso podemos dizer que os que resultaram desse processo não criaram as condições para estabelecer outros padrões de vivências.

O lugar como parte de nossas vidas a que nos referimos anteriormente é o local em que nos refugiamos, nos guardamos, tecemos nossas relações nos mercados, pelas ruas, etc. Esquecemo-nos de conquistas e conquistadores, das luta que se trava nas arenas da cobiça e do engano, somente importa o lugar, todavia as marcas estão lá, viajemos com o nosso guia e percebamos tais marcas:

2 - Praça da Saudade: Nome oficial Praça 5 de setembro Criada no século XIX, por volta de 1865. Em 1867 aparece com o nome de Praça da Saudade. Localizada em frente ao antigo Cemitério São José. Estatueta de bronze ocorreu na administração de Josué Claudio de Souza. !

Sede do Rio Negro – Antigo cemitério São José desativado em 1865 por conta do cólera. !

3 - Rua Luís Antony – Essa área era denominado de Bairro São José. Essa rua foi aberta em 1884 até a Leonardo, com o nome de Vista Alegre. Entre a Ramos Ferreira e Leonardo Malcher era um vale que foi aterrado. !

Conjunto de casas na Luís Antony – de propriedade de comerciantes da borracha !



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Casa Dias: Modelo do tipo de mercearia existente na cidade antiga. Prédio da Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos - antigo Sindicato dos Empregados no Comércio de Manaus.

Mural do Colégio Militar: Forças Armadas e a Integração da Amazônia de autoria de Álvaro Páscoa resultado de um concurso realizado pelo exército em 1972. Foi executado por Conrado Sorgenicht Filho. Altura 8,19m; largura 7,28m.

Praça General Osório – Bairro da Campina já se denominou Largo da Pólvora sendo a denominação atual desde 1879. A sua construção data de 1882. Em 1930 foi transformada em Praça de Esporte aqui se realizava o festival folclórico. Na década de 70 passa a ser uso privativo do Colégio Militar.

No livro *O Direito à Cidade* Lefebvre (2001) retrata as discontinuidades temporais e espaciais introduzidas na teoria da cidade (e do urbano), em contraponto à continuidade (organicismo) anteriormente concebida. Ele ressalta: “formas, estruturas, funções urbanas (na cidade, nas relações da cidade com o território influenciado ou gerido por ela, nas relações com a sociedade e o Estado) que agiram umas sobre as outras e se modificaram movimento este que o pensamento pode hoje reconstruir e dominar” (p.60).

O autor nos indica uma primeira definição da cidade “como sendo projeção da sociedade sobre um local, isto é, não apenas sobre o lugar sensível, mas também sobre o plano específico, percebido e concebido pelo pensamento, que determina a cidade e o urbano”. Mas reconhece que esta definição precisa de complementos. Ele admite que a cidade vista pelo viés da psicologia, como “lugar do desejo”, em seu papel histórico, enquanto lócus da troca e do mercado, e local das revoluções, são definições que não se excluem.

As cores do lugar vão se destacando, distribuem-se e alargam-se para cima. Prédios vão surgindo e belezas históricas enchem os olhos daqueles que seguem o viajante para mais adiante. Apressemos-nos para acompanhar seus passos, pois, eles são ligeiros e aptos, demarcam lugares tão bem conhecidos por poucos e desconhecidos para alguns. Prossigamos em nosso roteiro:

4 - Colégio Dom Bosco: Parte mais antiga e a Igreja já demolida. A ordem salesiana chega a Manaus em 1914. O colégio foi construído entre 1921 a 1927.

Praça Dom Bosco: Antiga Praça Uruguayana data de 1898 sendo reformulada em 1917 quando já existia o colégio Dom Bosco.

5 - Teatro da Instalação: Funcionou a Escola Normal Local da instalação da Província – daí o nome de Rua da instalação. Casa Radar - oficina de rádio Palace Hotel: Antiga loja de produtos finos Kahn Polack & C.

Casa 22 Paulista: Antigo Empório 22 aparece no início de século XX !

Banco da Amazônia: Prédio com perspectiva de arquitetura regional de autoria do arquiteto Severiano Mário Porto, substituiu uma agência construída na 7 de setembro do Banco da Borracha.

Antiga Sede da Câmara Municipal de Manaus: Antigo sede da Escola Municipal de Comércio Sólon de Lucena depois Grupo Escolar Marechal Hermes. Teatro !

6 - Ao redor da Prefeitura: Praça D. Pedro II – já denominado de largo do Pelourinho – Praça da República – A Praça foi construída entre 1893/1894. Chalet de ferro – fabricado pela firma inglesa Francis Morton & Co. perto do coreto há uma fonte de bronze.

Hotel Cassina – Propriedade do italiano Andréa Cassina foi construído 1899 durante anos foi hotel de primeira classe. Com a crise da borracha transforma-se em cassino e cabaré sendo chamado de Cabaré Chinelo. São dois pisos no andar de baixo salão de dança e no segundo andar jogos;

Edifício IAPETEC - Prédio do Inss – Antigo IAPETEC foi durante muito tempo o prédio mais antigo da cidade, construído em 1949 com a finalidade residencial.

Paço da Liberdade – antigo prédio da Prefeitura. Sua construção foi iniciada em 1874. Em 1879 passa a abrigar a sede do Governo Provincial e depois a sede da Administração do Governo Republicano. A partir de 1917 passa a ser a sede da Prefeitura com a transferência da sede do Governo. Predomina a arquitetura neoclássica.

Chegamos até aqui encantados com a beleza do lugar e verificamos que nessas áreas se deu um processo expansivo no que diz respeito a uma organização que iniciou no século XIX e acentuou-se no século XX. Essas formas, estruturas, funções urbanas da cidade, em suas relações sociais e estaduais com o território nos remetem ao



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



questionamento de Lencioni (2008) em que “a discussão sobre o conceito de cidade e urbano situa-se nesse anfiteatro onde se digladiam muitas dúvidas e poucas certezas. Afinal, o que é a cidade, o que é o urbano?”. Tais questionamentos nos revelam que para além da certeza que pertencemos a esse lugar há o que nunca nos ocorreu indagar. O que é cidade para nós foram os resquícios da beleza de um lugar que hoje não existe mais, prédios e casas, ruas e vielas que ficaram ancorados em nossa memória.

Na linha desse pensamento neófito nos direcionamos a Lefebvre (2001, p. 68) quando se refere que “a cidade tem esta capacidade que faz dela um conjunto de significante”, mas a cidade não realiza essa tarefa de modo gratuito, pois, há que ser pedido. Tanto o estetismo quanto o urbanismo chegam tarde. O autor discorre sobre algumas formas da cidade, algumas de suas funções e dimensões, e sua linguagem, faz comparações dialéticas, entre os níveis que a cidade pode se encontrar. Diz que a cidade possui funções sociais, políticas, administrativas, etc. Que existe a estrutura da cidade, depois a estrutura urbana da cidade e finalmente a estrutura social das relações cidade-campo. Todas essas estruturas que o autor sinaliza são por assim dizer, inovadoras em face da cidade ancorada na memória de nossa infância, pois, essas novas percepções são possíveis não somente pelo roteiro que nos referimos no corpo desse trabalho como também àquele que nos conduziu aos desafios propostos pelos textos lidos em sala de aula na ampliação de novos conceitos. Depreendemos que o conceito de cidade está além de nossas ideias, ela é um objeto cujo fenômeno se dá sobre as reflexões do espaço e da sociedade, pois, esses são produtos da relação que acontece entre ambos, relações produzidas social e historicamente (LENCIONI, 2008).

Na geografia do lugar prosseguimos acompanhados de nosso guia que não cansa em demonstrar todas as ordens em que se projeta a cidade de Manaus, cidade que possui unidade, oculta suas rivalidades e conflitos, não diferindo de outras que compõe o mosaico geográfico brasileiro. Está ordem é vista nas partes do roteiro que dispomos aqui no corpo desse escrito. Ordem que a cidade transmite, trata-se da ordem política, moral, religiosa, ideológica. “Ela as traduz em palavras de ordem de ação, em emprego do tempo. Como o emprego do tempo estipula (significa) uma hierarquia minuciosa dos

lugares, dos instantes, das ocupações, das pessoas” (LEFEBVRE, 2001). Olhemos o roteiro:

7 - Rua Bernardo Ramos – IGHA criado em 1917 – funciona a biblioteca e o museu etnológico Crissanto Jobim – coleção Amazoniana – Coleção de Jornais do século XIX e uma mapoteca.

Duas lojas Maçônicas - LOJA MAÇÔNICA “ESPERANÇA E POVIR” – Fundada em 06 de outubro de 1872, com os irmãos maçons Tenente Leopoldo Francisco da Silva e o Capitão João Inácio de Oliveira Cavaleiro, sua primeira sede foi na rua Bela Vista, em um imóvel alugado, mais tarde foi comprada a casa da rua Bernardo Ramos (antes rua São Vicente). Após a aquisição o imóvel foi demolido para ser construída a sede ainda hoje existente.

Verificar a casa número 77 é seguramente a casa mais antiga da cidade por volta de 1813, 1816, 1819.

8 - HOSPITAL MILITAR DE SÃO VICENTE – Foi construído em 1853, no período do governo de Lobo D’Almada. Em 1856 devido a epidemia causada pelo Aedes egypti, entrou em funcionamento no hospital uma enfermaria para indigentes. Havia uma ponte separando o Bairro de São Vicente de Fora e o Hospital Militar. Entre 1860 e 1861 o hospital foi totalmente reconstruído sob a direção do Major Sebastião Basílio Pyrrho. Retorno pela Avenida 7 de setembro !

9 - Palácio Rio Branco Foi construído no local onde ficava a antiga cadeia. Em 1904 foi projetado pela firma carioca Irmãos Rossi e deveria abrigar a chefatura de polícia, sua conclusão ocorreu somente em 1938, na administração de Álvaro Maia. É um edifício de dois pavimentos, em seu interior destacam-se alguns tetos trabalhados com estuque, uma bela escada de ferro e algumas pinturas do artista Branco e Silva.

Ao chegarmos ao fim de nossa caminhada via roteiro notamos que a periodização nos sinaliza alguns pontos necessários a nossa compreensão em relação à organização espacial-histórica. Com efeito, a periodização é uma operação intelectual que permite definir os tempos históricos para dar visibilidade. Esta totalidade social é constituída por uma combinação das instâncias econômicas, jurídico - políticas e ideológica. Cada uma delas possui seu tempo próprio de desenvolvimento, sua própria

temporalidade sendo dotada de uma relativa autonomia no bojo da totalidade social (CORRÊA 2006).

Para Corrêa (2006) tanto na periodização da organização espacial como nas grandes fases da história nos defrontamos com a presença simultânea de heranças do passado e de elementos do futuro. Ao citar Santos, o autor declara que “cada lugar, cada região apresenta uma realidade socioespacial que resulta de uma combinação singular de variáveis que datam de idades diferentes”. Manaus está impregnada das diferenciações de cada período a que foi submetida. As marcas revelam que muito do que se acredita ser o belo artístico são figuras de um projeto que não resistiu à floresta e aos rios que nos rodeiam. O caro, leitor pode vislumbrar no roteiro abaixo os últimos passos que nos conduziram nessa viagem:

10 - Ao redor do Porto: Administração do Porto Instituto do Patrimônio Histórico Nacional, antiga casa do Administrador do Porto Museu do Porto arquitetura inglesa. Na rua Monteiro de Souza há o prédio do Tesouro Público 1887 e nesse local foi erguido o forte.

Porto de Manaus – Em 1902 a firma Rymkiewicz ganhou a concorrência para construção do porto e explorá-lo por 60 anos. Não concluiu a obra e repassou-a para Manãos Harbour que findou em 1912, sendo explorado por esta firma até 1963. Conjunto arquitetônico da Booth Line - e outras empresas de cabotagem.

11- Praça da Matriz - Catedral – A primeira igreja construída em Manaus data de 1695 – no final do século XVIII foi demolida e construída outra que desapareceu com incêndio de 1850. Em 1858 foi iniciada a construção da igreja atual concluída 20 anos depois. Predomina o neoclássico e foi a primeira grande obra construída em Manaus. Conjunto pictórico 14 cenas da via sacra. ! Prédio da Alfândega - De origem inglesa foi concluído em 1906 é considerado o primeiro pré fabricado do mundo. Seu estilo é eclético e renascentista. Atrás o farol que orientava os navios. !

Agência dos Correios e Telégrafos - Construído no início do século XX para abrigar a firma Marius & Levy, o prédio de estilo eclético, possui revestimento cerâmico e tijolos aparentes em todas as fachadas. A empresa de Correios e Telégrafos está no edifício desde 1921. Em 1982 sofreu um grande incêndio. !!

Relógio - importado da Suíça e montado em base de pedra pela firma local Pelosi & Roberti, antigos ourives de Manaus. construção de seu pedestal foi concluída no final de 1927, junto com o obelisco erguido em comemoração ao centenário da elevação de Manaus à categoria de cidade.

FIM



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Muito embora solapados pelo tempo, mau uso e depredações desses elementos as cores insistem em retratar o passado da cidade para melhor refletir o presente. O passado cheio de encantos históricos fala por si, mais do que os desencantos presenciados por aqueles que passam pela cidade. Quem reside abriga na memória o lugar do pertencimento, quem chega busca cores e encantos, mas encontra uma cidade cujos odores retratam descaso e a falta de cuidado sem, contudo, deixar de ser um lugar de encanto.

Durante o nosso trabalho de campo no dia 12 de maio desse ano, para além do estético somaram-se a presença das desigualdades sociais, os serviços urbanos precários que denotaram que ações sociais possuem nenhum resultado de cidadania. A Cidade vive a contradição dos valores. Ao procurarmos nos deter em Harvey (2014) notamos que a questão do tipo de cidade que queremos não pode ser distanciada da questão do tipo de pessoas que queremos ser, de relações sociais que buscamos, de relações com a natureza que nos satisfazem, que estilo de vida desejamos e quais são nossos valores em relação ao estético. Assinala-nos o autor que,

O direito à cidade é, portanto, muito mais que um direito de acesso individual, ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos. Além disso, é um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades, como pretendo argumentar, é um dos nossos direitos humanos mais preciosos. (HARVEY, 2014, p.28).

Antes de cursamos a disciplina “A cidade e o Urbano” pensávamos tratar-se de um mesmo assunto. Para nós a cidade significava ser urbano. Entretanto, o título carrega em seu bojo questionamentos já apontados por nós no início desse trabalho. O autor supracitado diz que reivindicar o direito à cidade pressupõe algum tipo de poder configurador sobre os processos de urbanização, sobre o modo como as cidades são feitas e refeita. As cidades desde suas origens são frutos de uma concentração geográfica e social de um excedente de produção. Para ele a urbanização sempre foi um

fenômeno de classe. Essa abordagem nos conduz a pensar o urbano vinculado ao capital industrial e à sociedade industrial capitalista.

De acordo com Monte- Mór (2006) o que marcou a passagem da cidade ao urbano foi a tomada da cidade pela indústria, trazendo a produção – e o proletariado – para o espaço do poder. A cidade, lugar do poder e da festa, cenário da reprodução social, subordinou-se à lógica da indústria. No Brasil, o urbano teve sua origem na política ao mesmo tempo concentradora e integradora dos governos militares, que deram sequência à centralização e expansionismo varguista e à interiorização desenvolvimentista juscelinista. De acordo com o autor:

Legalmente, no Brasil, as cidades são definidas pelos perímetros urbanos das sedes municipais, e os territórios e populações considerados urbanizados incluem os perímetros das vilas, sedes dos distritos municipais. Entretanto, as áreas urbanizadas englobam amplas regiões circunvizinhas às cidades cujo espaço urbano integrado se estende sobre territórios limítrofes e distantes em um processo expansivo iniciado no século XIX e acentuado de forma irreversível no século XX. Por outro lado, as cidades, ou o espaço político e sociocultural formado a partir delas, vêm se tornando os centros da organização da sociedade e da economia. Na escala mundial, poucas cidades organizam e comandam grandes blocos de interesses e reordenam o espaço econômico global; nas escalas local, regional e nacional, as cidades definem as formas de organização da população e a localização das atividades econômicas, referenciam identidades sociais e definem as formas várias de constituição comunitária (MONTE- MÓR, 2006, p.10).

Cabe ressaltar, ainda, que na geografia do mosaico brasileiro a questão que se coloca é a do urbano em Manaus. O presente texto não pretende analisar tal processo nem tratar da dinâmica urbana de Manaus, porém, traz à lembrança a criação e implantação da Zona Franca na década de 60 suas transformações no início do século XXI. A respeito da Amazônia, Oliveira e Schor (2008, p. 15) nos dizem que,

A política de integração Amazônia tornada mais agressiva a partir dos anos 60, determinou a produção de diferentes formas espaciais para servir de base ao desenvolvimento de novas atividades econômicas, que se chocaram com as relações de produção até então existentes, e transformaram a Amazônia de região-problema em “vazio demográfico”, o que significa passar da decadência à



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



ascensão, com projetos de “desenvolvimento regional” cuja base era a “ocupação” da região para integrá-la ao restante do Brasil. Denominada por vários autores, como políticas desenvolvimentistas, elas retomam certos princípios postos a partir dos anos quarenta com a promulgação da nova Constituição em 1946, que inclui um artigo obrigando a União, os Estados e os Municípios a aplicarem durante 20 anos 3% de sua renda tributária no desenvolvimento regional por meio da execução do Plano de Valorização Econômica da Amazônia.

Na cidade de Manaus foi implantado um Polo industrial – a Zona Franca o projeto estava baseado em políticas desenvolvimento. Desse modo surgiram as “invasões” como as nomeamos, condomínios fechados e moradias de alto padrão designando de modo mais claro a desigualdade social na estrutura urbana, essas desigualdades geradas por esse processo de crescimento econômico excludente são reflexos da desigualdade socioespacial de uma maneira significativa ao serem comparados aos indicadores das taxas de fecundidade e esperança de vida, nas diferentes áreas da cidade.

Ao término desse trabalho ficamos agradecidos pela oportunidade em refletir sobre conceitos que fazem parte de nosso cotidiano. Esperamos que o entendimento acerca da cidade não seja apenas como área a ser conhecida, mas como conhecimento do lugar. Além do mais a teoria da cidade como sistema de significações nos possibilitará em outras ocasiões um repensar quanto aos valores desse tema como sendo um sistema de significações e de sentido.



Referências bibliográficas

CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HARVEY, David - **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014. 27-66.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1945 (Cap. 4).

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LENCIONI, Sandra - **Observações sobre o conceito de cidade e urbano**. GEO-USP - Espaço e Tempo, São Paulo, n. 24, 109-123, 2008. http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geosp/Geosp24/Artigo_Sandra.pdf

MONTE-MÓR, Roberto Luís. **O que é o urbano no mundo contemporâneo**. REVISTA PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO, Curitiba, n. 111, p.09-18, jul./dez. 2006. http://www.ipardes.gov.br/webasis.docs/rev_pr_111_roberto.pdf, acesso em 13/01/2013.

OLIVEIRA, JOSÉ ALDEMIR & SCHOR, TATIANA. **Manaus: transformações e permanências, do forte à metrópole regional**. In: CASTRO, Edna. Cidades na floresta. São Paulo: Annablume, 2008. p. 59-98.

_____. **Crônicas da minha (c)idade**, p.15-16. Com modificações. sd